

LANNA RIBEIRO

P O N T O D E V I S T A

04 FEVEREIRO/2026

A DESINDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL E A CRIAÇÃO DE UM "NOVO BRASIL FAZENDA"

1. INTRODUÇÃO

A desindustrialização brasileira não deve ser interpretada como um fenômeno meramente estatístico ou uma oscilação conjuntural, mas sim como uma profunda mutação no modelo de desenvolvimento econômico do país. Diferentemente das economias avançadas, onde a redução relativa da indústria ocorre naturalmente após a consolidação de elevados níveis de renda e sofisticação tecnológica (terciarização avançada), o Brasil iniciou seu declínio industrial antes de completar seu ciclo de maturação produtiva.

A metáfora do "novo Brasil fazenda" sintetiza esse deslocamento estrutural: trata-se de uma nação que fortalece sua vocação primário-exportadora enquanto, simultaneamente, perde densidade industrial, complexidade produtiva e capacidade de gerar valor agregado.

2. A INDÚSTRIA COMO EIXO DO CRESCIMENTO ECONÔMICO (1950-1980)

Durante o ciclo de industrialização acelerada, compreendido entre as décadas de 1950 e 1980, a indústria em sentido amplo (transformação, extrativa, construção e utilidades industriais) consolidou-se como o motor da economia, atingindo cerca de 40% do PIB nacional.

Estrutura do PIB brasileiro no auge da industrialização (%)

Setor	Participação aproximada
Indústria	~40%
Serviços	~45%
Agropecuária	~10-15%

Fonte: IBGE
Contas Nacionais Históricas;
IPEA (estimativas consolidadas).

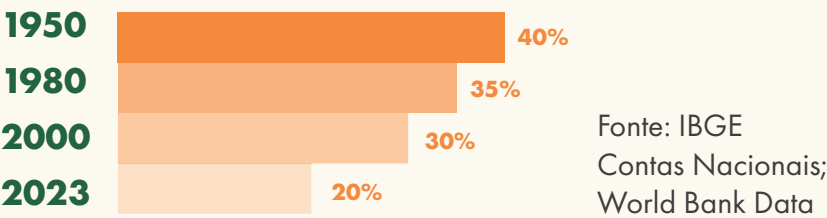
Nesse período, o setor industrial atuou como o núcleo irradiador de produtividade, sendo o vetor determinante para:

- A aceleração da urbanização;
- A formação e consolidação da classe média;
- A robusta expansão do mercado interno;
- A criação de encadeamentos produtivos complexos.

3. A INFLEXÃO ESTRUTURAL E A RETRAÇÃO DA INDÚSTRIA (1980–2023)

A partir dos anos 1980, verifica-se uma queda persistente e estrutural da participação da indústria na economia. Atualmente, o setor responde por cerca de 20% do PIB, ou menos, a depender da metodologia de cálculo aplicada, configurando um retrocesso aos patamares de meados do século passado.

Participação da indústria no PIB brasileiro (%)



Essa trajetória gráfica ilustra a desindustrialização precoce: o país perdeu substância industrial sem ter realizado a migração efetiva para setores intensivos em conhecimento e tecnologia.

4. O CRESCIMENTO DOS SERVIÇOS: EXPANSÃO QUANTITATIVA E BAIXA PRODUTIVIDADE

Em contrapartida à retração industrial, o setor de serviços expandiu-se, passando a representar mais de 70% do PIB. No entanto, é imperativo qualificar essa expansão: trata-se, majoritariamente, de serviços de baixa complexidade, caracterizados por:

- Baixos índices de produtividade;
- Elevada informalidade;
- Forte dependência da renda gerada em outros setores da economia.

Estrutura setorial do PIB brasileiro (atual)

Setor	Participação aproximada
Serviços	~70-73%
Indústria	~18-20%
Agropecuária	~7-9%

Fonte: IBGE
Contas Nacionais Trimestrais

Ao contrário do que se observa nas economias centrais, onde serviços sofisticados sucedem uma base industrial robusta, no Brasil, a terciarização substituiu a indústria de forma regressiva, comprometendo a qualidade do tecido econômico.

5. AGROPECUÁRIA E AGRONEGÓCIO: EFICIÊNCIA LOCALIZADA SEM EFEITO SISTÊMICO

É inegável que a agropecuária brasileira alcançou ganhos expressivos de produtividade e competitividade global. Sua participação no PIB cresceu relativamente, ganhando ainda mais relevância quando analisada sob a ótica da cadeia ampliada do agronegócio.

Contudo, sob o prisma macroeconômico, esse setor apresenta limitações estruturais como motor único de desenvolvimento, pois:

- Gera proporcionalmente menos empregos urbanos de qualidade;
- Possui menor efeito multiplicador tecnológico para o restante da economia;
- Não substitui a indústria como vetor de inovação sistêmica e difusão de progresso técnico.

6. COMPARAÇÃO INTERNACIONAL: O CONTRASTE ASIÁTICO

O cenário brasileiro torna-se ainda mais crítico quando comparado às trajetórias das economias asiáticas no mesmo período. Enquanto o Brasil reduzia sua base industrial, países da Ásia:

- Aprofundaram e sofisticaram suas políticas industriais;
- Elevaram drasticamente a complexidade de seus parques produtivos;
- Consolidaram cadeias tecnológicas avançadas e integradas globalmente.

O hiato tecnológico resultante desse "descolamento" torna o desafio da reindustrialização brasileira substancialmente mais complexo hoje do que era há três décadas.

7. IMPLICAÇÕES MACROECONÔMICAS DO "BRASIL FAZENDA"

A consolidação de uma estrutura produtiva apoiada preponderantemente em commodities e serviços de baixa sofisticação acarreta consequências severas para a dinâmica econômica:

- **Volatilidade:** Crescimento econômico instável e pró-cíclico (dependente dos preços internacionais);
- **Baixa Produtividade:** Estagnação da eficiência média da economia;
- **Vulnerabilidade Externa:** Maior dependência de importações de alta tecnologia;
- **Restrição Fiscal:** Limitações estruturais na arrecadação e investimento;
- **Estagnação da Renda:** Dificuldade em elevar a renda per capita de forma sustentada.

A redução da indústria de 40% para cerca de 20% do PIB representa, em última instância, uma alteração na própria ambição do projeto de desenvolvimento nacional.

8. CONCLUSÃO

A desindustrialização brasileira não foi um acidente histórico, mas o resultado cumulativo de escolhas de política econômica e omissões estratégicas. O modelo do "novo Brasil fazenda" demonstra eficiência na produção de commodities, mas revela-se estruturalmente limitado para sustentar um crescimento sofisticado, garantir a soberania tecnológica e promover ampla mobilidade social.

O risco central não reside em ser uma potência agrícola, característica que constitui uma virtude nacional, mas sim em ter abdicado da ambição de ser, simultaneamente, uma nação industrial complexa.